



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13915 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

PESQUISA E ATUALIDADE DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO LUZ DAS LETRAS: A RECEPÇÃO AO CONTEÚDO DIDÁTICO DO SOFTWARE

Márcia Baiersdorf - UFPR - Universidade Federal do Paraná

### **PESQUISA E ATUALIDADE DO PROGRAMA DE ALFABETIZAÇÃO LUZ DAS LETRAS: A RECEPÇÃO AO CONTEÚDO DIDÁTICO DO SOFTWARE**

**Resumo:** Este trabalho retoma pesquisa (2007) sobre a produção e o usos do Programa Luz das Letras, inédito à alfabetização de adultos. Tratou-se de um estudo de recepção, finalizado com experimento conduzido junto a três adultos que fizeram uso da versão preliminar. A pesquisa toma por referência a relação entre a produção de materiais didáticos e as tecnologias, ao lado da história das práticas de leitura, e, ainda, sob a confluência do pensamento de Paulo Freire. As conclusões consolidadas evidenciam: (a) sua atualidade em face de aplicativos disponíveis nas mídias digitais hoje; (b) sua natureza didática na relação entre o impresso e o digital; (c) a proposta de alfabetização transposta aos recursos informáticos; (d) a recepção ao software por adultos em processo de alfabetização. Os participantes do experimento demonstraram familiaridade e segurança em seus processos de conhecimento e, com esse domínio, foram perspicazes em registrar suas próprias histórias. A retomada dos resultados da pesquisa reforça a atualidade da proposta educacional e, ainda, desmistifica a ideia de que a técnica em si pode fazer prescindir a interação humana.

**Palavras-chave:** material didático; mídias digitais; alfabetização de adultos; computador; mediações pedagógicas.

#### **1. Introdução**

A partir da busca aleatória por aplicativos de alfabetização de adultos, na disciplina de

“Práticas de alfabetização”, um grupo de alunas da Pedagogia encontrou a pesquisa (2007) sobre a produção e o uso do Programa Luz das Letras, inédito à alfabetização de adultos. Acessando a versão preliminar do acervo pessoal da pesquisadora, puderam compará-lo com as outras propostas levantadas.

A ideia desse trabalho tem origem nesse estudo de sala de aula, e objetiva retomar as conclusões da pesquisa rastreada, trazendo a atualidade do Programa e reconhecendo-o como pertencente ao repertório de contribuições didáticas à prática de alfabetização de adultos.

O Programa foi uma proposta da Companhia Paranaense de Energia Elétrica (Copel), segundo duas fases de produção, entre 2000 e 2008. Na segunda (2003-2006) se inscreve a versão aqui retomada, intitulada “Uma história para contar”, a época concomitante a elaboração das Diretrizes Curriculares Estaduais da Educação Básica (PARANÁ, 2005).

Naquele momento, combateu-se a ideia de que o Programa seria uma ferramenta autodidata de educação a distância. Discussão, infelizmente ainda não superada, dada a atual política educacional paranaense que vem fazendo avançar propostas curriculares, pelas vias da mercantilização da educação a distância e da redução da carga horária presencial na modalidade.

Tal confronto de concepções expressa disputas em torno do controle das instituições e dos meios tecnológicos. No caso da pesquisa, em razão da especificidade da alfabetização de adultos, sua atualidade está em relação à circularidade dos saberes e a partir dos existentes, sob a confluência do que poderia ser reconhecido como legado-reinvenção de Paulo Freire à educação mediática [III](#).

Analisando a natureza didática desta produção, a pesquisa parte da concepção sócio interacionista de alfabetização, definindo-o como um portador de textos que relaciona duas linguagens: a impressa e a informatizada. Em seguida o caracteriza como um programa, tanto no que se refere ao fato de ser uma proposta pedagógica de organização de conteúdos de ensino, como também por corresponder a uma linha de programação informática delineada a oferecer uma variedade de recursos técnicos. E, pode-se dizer ainda, como possibilidade de composição da política de alfabetização.

Tal como acontece com o livro impresso (BATISTA, 1999) há uma variabilidade conceitual e instabilidade de usos e formas, a ser considerada ao torna-lo componente da materialidade da escola, desse lugar podendo ser nomeado software, programa, produto, artefato, portador, suporte, tecnologia.

Hebrard (1999) aponta as técnicas como equipamentos intelectuais de uma sociedade, relacionadas a emergência de novos sistemas de pensamento. Marcuschi (2001) compara o hipertexto com a escrita convencional, identificando processos de permanências e mudanças nas tecnologias sociais. Chartier (1998) define as tecnologias informacionais como meio para a circulação de saberes na luta histórica por afirmação e representação de identidades sociais.

Stan (1992) destaca as noções de intertextualidade e dialogia para afirmar a leitura como lugar de completude da produção de sentido do texto (escrito/visual), pois sua natureza comunicativa somente se efetivaria na intersubjetividade. Wolton (2004) desvela o caráter massivo das relações sociais manipuladas pelas mídias, resultando na noção falseada de interatividade. Martín-Barbero (2003) vê embates implicados, mostrando que diferentemente da mídia televisiva, a escola atua na lógica da subordinação direta, priorizando a padronização na tentativa de adequar os sujeitos ao ordenamento social.

Para Soares (2006), a predominância da racionalidade instrumental leva a crer que antigos problemas do ensino serão automaticamente superados com o uso das tecnologias. É assim que certas novidades, chegam ideologicamente à escola, porém quando entram em cena dificuldades próprias do sistema institucionalizado acabam não se efetivando, levando a frustração. Desconfiada, muitas vezes deixa de reivindicar sua participação na instrumentalização tecnológica de seu público, incentivando-o a buscar esse tipo de conhecimento em outros espaços sociais, ou mesmo impondo barreiras para a produção de autorias e de acesso à informação.

Defendendo a necessidade de outra posição, Litwin (1997) propõe caminhos pedagógicos: assumir-se como mediadora cultural; conscientizar pela problematização do cotidiano; dialogar com a cultura de referência dos grupos populares; apropriar-se das linguagens tecnológicas enquanto instrumentos de intervenção na realidade.

Freire (1987), participa do debate através da crítica ao formalismo e aos artificialismos da educação bancária; para ele a prática educativa libertadora é sempre comunicação e, sendo tecida na experiência cultural dos sujeitos, oferece oposição ao princípio da subordinação.

Contudo, no caso da proposta de alfabetização em questão, não seria possível, distanciando de um contexto específico, eleger a partir de um material didático qualquer, como propõe Freire (1987) temas geradores emergentes do contexto sócio cultural dos grupos populares. O artificialismo dessa tentativa encontraria limites em antecipar as interações reais entre os sujeitos envolvidos.

Primo e Cassol (2007) levam essa discussão à informática, ponderando sobre o quanto é difícil levar o aporte sócio interacionista da linguagem falada e escrita neste meio, uma vez que a maioria dos modelos de recepção programada tendem a ser do tipo estímulo-resposta.

Em face de tais limitações, seria oportuno apostar no alcance de uma produção didática em corroborar a pedagogia da pergunta? Por outro lado, valeria descartar tecnologias informáticas implicadas na produção de sentidos em sociedade e, por suposto, também na escola?

Para a pesquisa aqui retomada há práticas educomunicativas possíveis, sinalizadoras de mudança nas formas de organizar o saber, admitida a necessária tomada de posição da escola no enfrentamento dos processos de exclusão social (digital) em jogo na alfabetização

de adultos. Por isso, entendeu ser incompleta a perspectiva que restringe o material didático ao seu caráter prescritivo, e, daí a ideia de transposição da proposta de alfabetização aos recursos informáticos, pensada como contributo às mediações didáticas, em sintonia com interlocutores concretos, desde a sua produção até sua utilização.

Trazendo o tema gerador hipotético *Uma história para contar*, o Programa inicia numa tela da qual se aciona o cenário de uma cidade interiorana de nome *Serrinha*. Os lugares a serem visitados convertem-se em telas a serem exploradas, a partir de uma barra de ferramentas e segundo a exploração de imagens, do texto às unidades menores do sistema alfabético e, por fim, retorna ao texto via produção escrita no computador. Os conteúdos selecionados intencionam dialogar com a diversidade cultural desta modalidade de ensino, supondo uma seleção que valorize os saberes construídos ao longo da vida.

Com esse repertório formalizou-se a proposta didática, vinculada ao conhecimento escolarizado sobre alfabetização, concretizado num tipo específico de portador informático e que teve como interlocutores os adultos.

## **2. Metodologia**

Finalizada a versão preliminar, iniciou-se a fase experimental da pesquisa. Josso (2004) e Thompson (1998) foram as principais referências. Ambos sustentam uma metodologia ancorada nas histórias de vida e na oralidade, e se preocupam em criar estratégias para reelaborar o passado, evidenciando a posição que os sujeitos assumem na construção de suas próprias narrativas e lembranças.

O experimento conduzido no laboratório de informática de uma escola pública, disponibilizou o conteúdo programado, durante oito encontros semanais, de 1h30. Participaram dois homens e uma mulher, na faixa etária entre 50 e 60 anos.

As técnicas de investigação foram a observação e o registro, com base em três aspectos da recepção: (1) exploração do software e o uso do computador; (2) histórias de vida em identificação com o conteúdo programado; (3) possibilidade de integração à sala de aula. Após as oito semanas realizou-se entrevista individual semiestruturada.

## **3. Análise e discussão dos resultados**

As técnicas aplicadas resultaram em: falas dos educandos; produções de textos no computador; interações entre pares; sentidos atribuídos ao experimento pelos adultos. Estes sinalizaram o Programa como estratégia de mobilização para o conhecimento.

A recepção ao conteúdo didático programado denota a identificação dos adultos com os textos e atividades selecionados, através das histórias de vida e das opiniões frente às experiências de leitura e escrita no computador.

As narrativas identificadas com o tema gerador hipotético, poderiam se desdobrar em

temas do grupo, conforme as falas sobre infância, família, o mundo do trabalho, a origem regional dos educandos, e, também, a própria experiência de utilizar o computador como instrumento de aprendizagem.

Conforme praticavam passaram a ter maior atenção em suas próprias escritas e leituras na tela, momento em que os diferentes ritmos de aprendizagem entravam em jogo, junto com o interesse em registrar e partilhar os próprios textos e relatos.

As mediações requeridas no processo remetiam para o que se passava em sala de aula, registradas na pesquisa como recomendações metodológicas para a prática de alfabetização, porém na escola o uso de computadores na aprendizagem da leitura e escrita não era usual.

Ainda assim, o experimento foi valorado pelos adultos sob o argumento de ser possível perguntar e receber atenção individual. Consideraram positivo manejar o computador sem o receio de gerar danos ao trabalho de outras pessoas. Já a sala de aula foi tratada como o lugar das tarefas, do decorar a tabuada e conferir as respostas de exercícios repassados no quadro de giz.

Não foi o software em si que permitiu ver alcances e desdobramentos para a prática alfabetizadora, mas sim o modo como os adultos foram capazes de, utilizando-o, comunicar uns aos outros suas impressões, expressar suas visões de mundo, registrar suas escritas, emitir opiniões, enfim, significar o conteúdo recebido.

#### **4. Considerações finais**

A pesquisa (2007) retomada quinze anos depois, reforçou a atualidade do Programa Luz das Letras, como pertencente ao repertório didático de práticas educativas dialógicas e inclusivas.

Considerado produto da cultura escolar variável e instável, e de forma correlata ao livro didático, poderia ser ajustado às dinâmicas próprias da escola, colocando-se em relação as práticas de leitura e escrita existentes. Seus alcances tecnológicos relativizados desde a fase de produção, quanto ao que de fato sua lógica de programação permitiria concretizar.

A pesquisa registrou a recepção dos adultos. Não houve intimidação, pelo contrário, o acesso ao computador trouxe familiaridade, segurança e afirmação de saberes anteriores. O experimento tornou evidente que somente nas mediações culturais é que se torna possível a produção de sentidos e a própria aprendizagem, desmistificando a ideia de que a técnica em si pode fazer prescindir a interação humana.

Como mostra Freire (2000, p.102) “a educação de adultos hoje como a educação em geral não podem prescindir do exercício de pensar criticamente a própria técnica. O convívio com as técnicas, a que não falte a vigilância ética, implica uma reflexão radical, jamais

cavilosa, sobre o ser humano, sobre sua presença no mundo e com o mundo”.

## REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. A. G. Um objeto variável e instável: textos, impressos e livros didáticos. In: ABREU, M. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; Fapesp, 1999. (Coleção Histórias de Leitura). p. 532-593.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo, UNESP, 2000, p. 87-102.
- HEBRARD, J. Três figuras de jovens leitores: alfabetização e escolarização do ponto de vista da história cultural. In: ABREU, M. (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo, Mercado de Letras; Associação de Leitura do Brasil; Fapesp, 1999, p. 33-78.
- JOSSO, M. **Experiências de vida e formação**. São Paulo, Cortez, 2004.
- LITWIN, E. **Tecnologia educacional: política, histórias e propostas**. Porto Alegre, Artmed, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço da escrita em sala de aula. **Linguagem & Ensino**, Pernambuco, v. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.
- MARTÍN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro, UFRJ, 2003.
- PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação de Jovens e Adultos no Estado no Paraná**. Curitiba: SEED, 2005.
- PRIMO, A. F. T.; CASSOL, M. B. F. Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias. Rio Grande do Sul: Instituto de Psicologia da UFRGS, 2006.
- SOARES, S. G. **Educação e comunicação: o ideal de inclusão pelas tecnologias de informação: otimismo exacerbado e lucidez pedagógica**. São Paulo, Cortez, 2006.
- STAM, R. **Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa**. São Paulo, Ática, 1992.
- THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- WOLTON, D. **Pensar a comunicação**. Brasília, UnB, 2004.

---

[1] Uso intencionalmente mediática e não midiática, no sentido demarcado por Martin-Barbero (2000), partindo

dos meios às mediações. Com base nos conceitos de cultura em Gramsci e de indústria cultural em Adorno, o autor vê as mediações no lugar da técnica em si e como possibilidade de oposição ao controle do massivo sobre o popular.